



MATHEUS SALGADO

Duas gerações de olho no meio ambiente

Autora de 10 anos lança primeiro livro no estande do Comunicar durante Mostra PUC

A jovem Agatha Cris, de 10 anos, lançou em junho *O Mistério das Árvores da Rua Roberto*, um suspense no qual a protagonista é uma gata, xará da autora, que busca soluções mais sustentáveis para a rua em que mora. No dia 12 de

agosto, Agatha esteve na PUC para promover o lançamento do livro. Participaram do encontro o Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S. J., o professor que orientou a menina, Armando Vigar, e a família da pequena autora. *O Mistério* foi

inspirado em artigo publicado pelo Reitor no jornal *O Globo*. Em troca, padre Josafá escreveu o prefácio do livro. O lançamento ocorreu no estande do Projeto Comunicar, montado nos pilotis para a XVIII Mostra PUC. **PÁGINA 3**



Reitor conversa com Aghata Cris durante o lançamento na Mostra PUC



JP ARAÚJO

Casa cheia em dia de estreia do CineClube PUC-Rio na sala mais tradicional dedicada à Sétima Arte

Produção de alunos ganha tela do Odeon

Filmes produzidos no curso de Cinema inauguraram o Cineclube PUC-Rio, uma parceria entre a Universidade e o Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro. Foram exibidos quatro curtas na tradicional sala do Cine Odeon, na Cinelândia, para uma plateia composta por alunos, professores e convidados. **PÁGINA 5**

Voluntários na superação da pobreza

Alunos da Universidade participam de ações de desenvolvimento comunitário em favelas da Baixada Fluminense. A organização não governamental Teto está presente em 19 países e o objetivo é fomentar atitudes que levem os moradores a superarem a pobreza extrema. **PÁGINA 9**

Peso do Rio na política nacional

A história da política brasileira mostra que a participação de candidatos fluminenses a nível nacional não é recorrente. Ainda assim, a expectativa para a próxima eleição presidencial é de que o PMDB, partido de maior bancada no Congresso Nacional, lance o prefeito do Rio, Eduardo Paes. **PÁGINAS 6 E 7**



DIOGO MADUELL

Sustentabilidade recebe destaque com Encíclica

Em junho, o Vaticano publicou o documento escrito pelo Papa Francisco, a Carta Encíclica *Louvado Seja*, que pela primei-

ra vez tratou de assuntos ambientais. O documento virou assunto principal de discussões na Universidade. **PÁGINA 5**

REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., destaca os valores ético-religiosos, presentes na Encíclica do Papa Francisco, a *Laudato Sí*, que refletem uma visão sistêmica da realidade social e ambiental e que são direcionados a todos que habitam neste planeta. **PÁGINA 2**

REITOR

Valores socioambientais na Encíclica Laudato Sí



Numa leitura mais minuciosa da nova Encíclica do Papa Francisco, vamos encontrar muitos valores ético-religiosos, explicitados dentro de uma visão sistêmica da realidade social e ambiental, sobretudo de todos nós que habitamos planetariamente nesta casa comum.

Dentre os inúmeros valores, destacamos apenas sete, pois acreditamos que os mesmos têm uma força mais significativa no atual contexto socioambiental em que vivemos, contribuindo para a nossa reflexão, e motivando-nos a mudar o nosso modo de ser e proceder diante dos desafios de nosso tempo.

O primeiro valor consiste na importância de uma visão mais integrada do mundo, chamada no documento de ecologia integral, superando as fragmentações dos saberes e das práticas. Esta visão supõe hoje, segundo o Papa, “que a análise dos problemas ambientais é inseparável das análises dos contextos humanos; quando falamos de meio ambiente, falamos da relação entre natureza e a sociedade que a habita”. Desta forma, existe uma integração entre Deus, o ser humano e a natureza.

O segundo valor está relacionado à sensibilidade que devemos ter com a vulnerabilidade e a fragilidade existente na sociedade e na natureza. Isto significa ser sensível aos pobres, ser sensível às centenas de seres vivos vulneráveis que vão se extinguindo do planeta Terra. Segundo o pontífice, “a deterioração do meio am-

biente e da sociedade, afeta de modo especial os mais frágeis do planeta”.

O terceiro valor diz respeito à necessária busca de um estilo de vida menos consumista e planetariamente mais responsável. Neste sentido o papa critica a racionalidade econômica e o fascínio pelo consumo exagerado, que vem esgotando os recursos da terra, fazendo dela um grande lixo. O Papa Francisco afirma: “É insustentável o comportamento daqueles que consomem e destroem cada vez mais, enquanto outros ainda não podem viver de acordo com a sua dignidade humana”. “É possível viver com menos, necessitar de pouco, viver muito e ser mais feliz”.

O quarto valor consiste em equilibrar as diferentes racionalidades da vida humana. O fascínio e a dependência da produção técnica vêm impedindo o ser humano de viver outros valores, como a música, a poesia, a arte, o contato com a natureza etc. Segundo ele, “a felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as outras múltiplas oportunidades que a vida nos oferece”.

O quinto valor se reporta às hermenêuticas, ou seja, às interpretações religiosas que, a princípio, deveriam ser menos antropocêntricas e mais teocêntricas. O Papa Francisco nos alerta: “A humanidade e toda a criação vem sendo destruídas por termos pretendido ocupar o

lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas”. Segundo ele, “se é verdade que nós cristãos algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos rejeitar que, o fato de ser criado à imagem de Deus e o mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre todas as criaturas”.

O sexto valor é a educação ambiental, sendo necessária uma conversão ecológica, ou seja, uma reorientação da vida que leva a mudança de hábitos e costumes que hoje são insustentáveis. Testemunhar com gestos e pequenas ações, ajuda a resgatar a dignidade da criação. O papa cita alguns exemplos dessas pequenas ações, como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, reciclar o lixo, tratar com cuidado os outros seres vivos etc.

O sétimo e último valor está relacionado com a união e o consenso na proteção da casa comum. Independente de crenças, credos, raças e etnias, os limites planetários exigem neste momento uma união de forças, buscando consenso sobre aquilo que nos une na missão de guardiões da criação. Para o Papa Francisco, “é indispensável um diálogo aberto e respeitoso entre as ciências, as religiões e os diferentes movimentos sociais. A gravidade da crise ecológica obriga-nos a pensar no bem comum...”

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.
REITOR DA PUC-RIO

CRÔNICAS DE MEMÓRIA

A PUC-Rio e os 450 anos da cidade

Caminhos abertos

ANTÔNIO ALBUQUERQUE/ACERVO NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO



No evento acadêmico em comemoração aos 20 anos da Constituição de 1988, os pilotis se encheram de sons e cores, com o auxílio luxuoso do Jongo da Serrinha

Nesta coluna do Jornal da PUC, em diversas crônicas, registramos momentos da história do Brasil nos quais a PUC-Rio foi espaço de resistência para o movimento estudantil e para professores e cientistas perseguidos no período da Ditadura. Falamos também de como a Universidade se insere na cidade ao acolher movimentos culturais de música – como na Bossa Nova –, de poesia, teatro, cinema e fotografia, que por aqui floresceram e se multiplicaram.

O *campus* da PUC-Rio é aberto, permeável e em constante relação com a cidade. Isso é perceptível nos projetos, pesquisas e ações desenvolvidos pelos departamentos e programas, nos debates e eventos acadêmicos e comunitários aqui sediados. Mas também apresenta-se no dia-a-dia mais singelo das pessoas que por aqui passeiam, correm e pedalam; dos moradores que cortam caminho em seus trajetos; de pais e babás com carrinhos de bebê a aproveitar a tranquilidade e a sombra das árvores; de estudantes das escolas do

entorno que se aventuram no ambiente universitário, como numa expedição exploratória ao seu futuro; dos fiéis para as missas; de alunos do Ensino Médio que participam do PUC Por Um Dia.

Muitos destes podem parecer passageiros, mas voltam ao campus e se encontram nas festas, nos shows, nas manifestações políticas. Alguns são tocados pelo aspecto acadêmico, se identificam com os temas e as possibilidades de estudo, tornam-se alunos, pesquisadores, professores. É fácil encontrar “filhos da PUC” presentes em todas as áreas.

Nos 450 anos do Rio de Janeiro, os 75 que a PUC-Rio completa em outubro e os 60 do campus Gávea, completados em julho, parecem pouco na soma dos anos, mas são densos de memórias na multiplicidade que a Universidade representa: um lugar de conexão com, e de reflexão sobre, a cidade, o país e o mundo.

■ CLÓVIS GORGÔNIO
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

Leia o Jornal da PUC na internet

www.puc-rio.br/jornaldapuc

JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Coordenador-Geral: Prof. Cesar Romero Jacob. Coordenadora-Adjunta: Prof^a. Julia Cruz. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Prof^a. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora e Chefe de Reportagem: Prof^a Adriana Ferreira. Projeto Gráfico e Diagramação: Prof^a. Mariana Eiras. Fotografia: Prof. Weiler Finamore Filho. Ilustração: Prof. Diogo Maduell. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Angeluccia Habert, Augusto Sampaio, Carmem Petit, Cesar Romero, Cristina Bravo, Fernando Ferreira, Fernando Sá, Julia Cruz, Lilian Saback, Mariana Eiras, Rita Luquini. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: impresso.comunicar@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

Literatura: Moradora do morro Chapéu Mangueira lança suspense sobre árvores da Rua Roberto Dias Lopes, no Leme

Jovem autora divulga livro na Mostra PUC

CAIO SARTORI

Aos 10 anos, muitos jovens nem sequer se interessam por literatura. Por questões ambientais, muito menos. Mas a jovem Agatha Cris é um ponto fora da curva. Moradora do morro Chapéu Mangueira, no Leme, esta pequena autora esteve na PUC para lançar o livro *O Mistério das Árvores da Rua Roberto* e mostrar que seu lado literário vai além do nome, parecido com o da autora britânica de histórias policiais Agatha Christie. No lançamento, realizado na Mostra PUC, estiveram presentes o Reitor da Universidade, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., o professor que orientou Agatha, Armando Vigar, e a família da jovem escritora.

O Reitor saudou a presença de Agatha e destacou a importância da relação entre social e ambiental que ela estabelece em *O Mistério*. E os cumprimentos dele não foram mera formalidade: a ideia do livro se firmou quando Agatha leu um artigo de padre Josafá no jornal *O Globo*, no qual ele comentava sobre as árvores do Leblon, que, assim como as da Rua Roberto Dias Lopes, que dão nome ao livro, não são nativas. Quando a obra ficou pronta, padre Josafá foi convidado para escrever o prefácio. Impressionado com o potencial de Agatha, ele aceitou a proposta.

– São aquelas coisas que a gente aprende, do próprio Evangelho de Jesus Cristo, que diz que devemos ficar atentos às coisas pequenas e potenciáveis. A semente é pequenina, mas depois pode virar uma árvore grande. Essa é uma sementinha que mais tarde pode se tornar uma escritora famosa.

A história do livro começa quando uma gata, Agatha, xará da autora, ouve um zumbido à noite e fica intrigada. No dia seguinte, ela acorda e percebe que as árvores da Rua Roberto Dias Lopes, no Leme, haviam

Agatha Cris, de 10 anos, se inspirou em artigo do Reitor

MATHEUS SALGADO



A autora Agatha Cris assina o livro 'O Mistério das Árvores da Rua Roberto' no estande do Projeto Comunicar montado para a XVIII Mostra PUC

“Essa é uma sementinha que mais tarde pode se tornar uma escritora famosa”

Padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

desaparecido. Curiosa, a gata vai à prefeitura ambiental e descobre que todas elas tinham algo em comum: não eram nativas. Para solucionar o problema, ela planta árvores que não destroem calçadas e não prejudicam os transeuntes.

Fã do suspense, a autora ainda não leu nenhum livro da escritora britânica cujo nome é quase idêntico ao seu. O interesse por literatura, porém, é algo que pretende levar adiante – ser escritora está nos planos da menina. Enquanto isso, a jovem passa por uma rotina exaustiva. Em fase de preparação para concursos de colégios de excelência, ela dedica mais de 11 horas diárias aos estudos, entre escola, curso e transporte.

– Tenho estudado muito. Acordo às 6h30, vou para a escola, meio-dia saio, pego um ônibus, vou para a Lapa e saio de lá às 17h, porque estou fazendo um curso preparatório para o Pedro II e outros colégios do tipo – explicou Agatha.

Ex-estudante da PUC, o professor Armando Vigar desenvolve projetos sociais em

escolas públicas. Ele conta que a ideia inicial com Agatha era desenvolver um catálogo de árvores da Rua Roberto Dias Lopes, tipo de conhecimento que faz parte das grades curriculares de 5ª e 6ª séries. Mas, quando saiu o artigo do Reitor, eles perceberam que havia ali um ponto de encontro. Era possível desenvolver um material mais elaborado, que servisse de conscientização para outros jovens poderem entender que as ruas devem ser planejadas com árvores corretas. Em relação à parceria com Agatha, Vigar ressalta a fluidez com que o processo se desenvolveu.

– Ela tem um grande potencial, não apenas pela criatividade, mas pela objetividade na formulação de ideias. Foi muito fácil trabalhar com ela, em termos de concluir a história,

fazê-la ter início, meio e fim.

A repercussão de *O Mistério das Árvores da Rua Roberto* rendeu à escritora reportagens em jornais como *Extra* e *O Globo*. Mas se engana quem pensa que a menina fica atordoada com os holofotes. Segundo a mãe, Luciana Cristina de Faria, parece que Agatha já estava habituada com toda a atenção que lhe foi dada. Na verdade, é a própria mãe quem fica nervosa.

– Eu ainda não me habituei, claro. Sinto muito orgulho e uma satisfação imensa de ter uma filha assim com essa idade e de onde a gente veio. Onde a gente mora, a gente não vê outras crianças com essa desenvoltura, então é muito interessante, porque também serve de incentivo para outras crianças.

Futuro: Uso da tecnologia e os estandes de alimentação, chamados de food trucks, garantiram o sucesso da semana

Oportunidades de estágio na maior feira do Brasil

Mostra PUC integra agenda de comemorações dos 450 anos do Rio

MATHEUS SALGADO

MATHEUS SALGADO



1



3

1. Empresas de diversas áreas apostaram na tecnologia como atrativo

2. Projeto Comunicar montou um estúdio nos pilotis durante a Mostra

3. Food Trucks deram aos visitantes uma nova opção de alimentação

BÁRBARA BAIÃO

Pensada para celebrar o aniversário da cidade do Rio de Janeiro e os 75 anos da PUC, a XVIII edição da Mostra PUC - A História do Rio Passa por Aqui foi marcada por uma maior proximidade entre as empresas expositoras e o público. Além dos serviços gratuitos oferecidos pela Escola Médica e o Núcleo de Prática Jurídica da Universidade, a maior feira de estágios do país, que ocorreu entre os dias 11 e 14 de agosto, apostou no uso de tablets, jogos virtuais e em estandes de alimentação para chamar a atenção dos visitantes. Ao todo, foram 35 empresas expositoras e, dentre elas, 22 ofereceram oportunidades de estágio.

Entre as novidades desta edição, a de maior impacto foi a opção das empresas GSK, White Martins, Ambev e Lojas

Americanas, que decidiram dar início ao processo de seleção durante o encontro, com entrevistas individuais e dinâmicas de grupo. Na cerimônia de abertura da Mostra, o presidente da Comissão Organizadora, professor André Lacombe, destacou importância da feira para a evolução da cidade.

– Se fosse possível fazer um levantamento mais completo dos projetos e estudos realizados na PUC e dos profissionais aqui formados, poderíamos compreender que os resultados contribuem de alguma forma para o desenvolvimento do Rio de Janeiro.

A presença frequente de empresas de renome revela que a oportunidade é boa não só para quem procura iniciar a vida profissional, mas também para as próprias marcas apresentarem conceitos e ideias. Segundo o maquiador oficial da Dermage no Brasil, Dennis Proença, a diversidade de pessoas que passam pela feira é um fator importante para atrair as empresas.

– É a segunda Mostra PUC que nós participamos e é muito legal, porque é divulgação da nossa marca. E é muito proveitoso porque tem uma grande diversidade de pessoas aqui, que é o que toda empresa busca.



2

Parceria: Universidade e Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro promovem exibição de curtas de alunos de Cinema

Cineclube estreia no Odeon

Produção de estudantes da PUC ocupa a tradicional sala da Cinelândia

CAIO SARTORI

O sonho de muitos alunos do curso de Cinema – ter o próprio filme exibido nas telonas – se tornou realidade para alguns estudantes da PUC-Rio. No dia 18 de agosto, ocorreu a primeira edição do Cineclube PUC-Rio, no Centro Cultural Luiz Severiano Ribeiro, o Cine Odeon, na Cinelândia. Os curtas escolhidos para este primeiro dia foram os documentais *Eu Vi Dublado* e *Mulheres no Funk* e os ficcionais *Shot* e *Três João*, dirigidos por Júlio Nápoli, Luisa Nolasco, Célio Porto e Rubel Brisolla, respectivamente. Finalizada a exibição dos filmes, o coordenador do curso de Cinema, professor Miguel Pereira, mediou um debate entre o público e as equipes dos curtas.

O encontro começou com as palavras do professor Miguel Pereira e da gerente executiva do Cine Odeon, Daniela Pfeiffer, que saudaram a parceria entre as instituições. Pereira afirmou que os cineclubes servem como ótimos complementos para a formação acadêmica dos alunos. Segundo ele, en-



Primeiro dia do Cineclube PUC-Rio movimentou o Centro da cidade para apresentação de filmes de estudantes

quanto a Universidade cuida de uma parte mais conceitual e produtiva da sétima arte, o cineclube, por meio do debate, propicia uma socialização do conhecimento.

– O cineclube se constitui como uma forma social

de construir o cinema, de re-elaborar o cinema através da visão, através do espectador. Isso constrói, também, o pensamento – explicou.

O diretor e roteirista de *Shot*, Célio Porto, estava eufórico após a sessão. O filme, que,

como ele explica, mistura influências da metalinguagem de Charlie Kaufman e da versão britânica da série *The Office*, foi muito aplaudido pelo público. Para o jovem cineasta, qualquer iniciativa que faça os alunos do curso verem os próprios filmes

é válida, já que muitas vezes eles acabam não tendo tempo para isso. Sobre a experiência de ver o próprio curta na tela do Odeon, ele disse ser “muito doida”.

– Assistir ao filme é cada vez uma experiência diferente. Aqui, realmente é mais diferente do que o normal. Tem toda a história e é lindo para *caraca*.

Nem só da presença de diretores e professores foi feita a noite de estreia do cineclube. Estiveram presentes, também, alunos que ainda não tiveram a oportunidade de produzir os próprios curtas. A estudante Beatriz Martins, do 6º período, está na fase inicial da produção de um filme para a disciplina de Projeto II. Para ela, é importante dar visibilidade aos trabalhos dos alunos, a fim de promover a conversa e o debate. Assim como Célio Porto, ela ressaltou a história do Odeon e a relevância de ter a própria obra exibida no local.

– É muito significativo passar o seu filme aqui, como aluno. Dá um friozinho na barriga só de pensar no seu filme sendo exibido nessa tela enorme e com ótimo som.

Meio ambiente: CTCH, CCS, CCBM e CTC organizam encontros para analisar pontos importantes da Carta do Papa

Laudato Sí gera série de palestras e encontros

Iniciativas para a agenda ambiental da Universidade também estão na pauta de discussões com acadêmicos



Reitor padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., analisa Encíclica em palestra

GABRIELE ROZA

No primeiro encontro de uma série de palestras sobre a Encíclica Louvado Seja, elaborada pelo Papa Francisco, temas como a visão integradora da questão ambiental e social presentes no texto foram alguns dos pontos discutidos, no dia 18 de agosto. Nos próximos meses, serão organizadas outras conferências para analisar questões socioambientais abordadas no documento e iniciativas para a agenda ambiental da Universidade.

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., enfatizou a visão integradora. Para ele, é impossível compreender a questão ambiental sem

entender a social e que essa união está presente no Brasil.

– Isso é muito importante porque vale para nós no Brasil, com nossos ecossistemas e biomas. Essas unidades estão profundamente articuladas com a questão social. É impossível pensar em uma Amazônia sem pensar nos ribeirinhos, que estão profundamente integradas. Quando falamos de meio ambiente falamos da natureza e da sociedade que habita.

As questões teológicas foram destacadas pelo Decano do CTCH, professor Paulo Fernando Carneiro de Andrade. Ele comentou sobre a teologia da criação do livro de Gênesis, e o lugar do ser humano criado por Deus como toda a natureza.

– A criação é um ato livre e amoroso de Deus, e ao ser humano foi confiado o cuidado com a criação e dada a missão de prosseguir com o desenvolvimento. Deve receber como dom, não como proprietário ou senhor.

A Diretora do Departamento de Filosofia, Debora Danowski, disse que a encíclica pode inspirar ações cotidianas em prol de um mundo ecologicamente mais sustentável.

– Acredito que o papel da universidade hoje é abrir espaço para novas experiências e novas práticas, estabelecer redes com aqueles que, dentro ou fora das universidades, estão reinventando caminhos que hesitamos e consideramos impossíveis.

FRANCENILSON KLAVA

O PMDB terá candidato próprio em 2018, e o nome mais cotado é o de um político bem conhecido entre os cariocas, o prefeito Eduardo Paes. O anúncio por si só já é atípico no jogo político – a sigla não tinha um candidato próprio desde 1994, com Orestes Quércia. Mas a possibilidade de um político carioca concorrer à Presidência pelo partido com a maior bancada da Câmara dos Deputados e do Senado Federal torna o cenário ainda mais inusitado.

As últimas tentativas de governantes com base no Rio de Janeiro de chegar ao Palácio do Planalto foram decepcionantes. Quem esteve mais próximo de ir ao segundo turno foi Leonel Brizola – que nem carioca era –, em 1989. Anthony Garotinho até tentou mais tarde, em 2002, mas também não conseguiu passar da terceira colocação.

Hoje, o Congresso Nacional tem pelo menos dois políticos locais em posições de liderança – Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, e Leonardo Picciani, líder da maior bancada da Casa. O último político fluminense a ocupar o cargo que hoje é de Cunha foi Célio Borja, do Arena, ainda durante o período da ditadura militar, entre 1975 e 1977. O atual momento não reflete em nada as décadas de ostracismo e de falta de influência do Rio de Janeiro na política nacional.

Para o ex-governador do Rio de Janeiro Wellington Moreira Franco, a transferência da capital federal para Brasília foi o primeiro anúncio da difícil realidade política que estava por vir para o Rio de Janeiro.

– A força da cidade do Rio de Janeiro era o fato de ser capital. Quando essa transferência se faz de maneira muito abrupta e, diria, até precipitada, causa danos econômicos enormes, que sustentam a fragilidade política durante muito tempo – afirma Moreira Franco.

O então Estado da Guanabara tinha que se adaptar, o jogo político era outro. Os investimentos não viriam mais tão automaticamente por ser capital federal. A partir daquele momento, seria necessária uma integração maior com o governo federal para que os recursos pudessem chegar. O estado, que até então exportava o modelo político da polarização entre UDN e PTB, teria que aprender outra forma de jogar. Mas não houve nem tempo. Quatro anos depois

História: A próxima eleição presidencial pode contar com um representante de peso do Rio, mais de uma década

Busca por protagonistas

Embora já tenha sido capital do país, o Rio não tem como tradição

da transferência, vem o segundo golpe: a ditadura militar.

Influente políticos da época, como os governadores de Minas Gerais, José de Magalhães Pinto, de São Paulo, Ademar de Barros, e até mesmo do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda, apoiaram a intervenção, que, dizia-se, seria provisória. Não foi o que ocorreu. Carlos Lacerda viu a ambição presidencial mais uma vez adiada e passou à oposição, o que, segundo o cientista político Octavio Amorim, endureceu ainda mais o regime.

– O regime ficou desesperado e bateu duríssimo nas lideranças do estado – analisa Amorim.

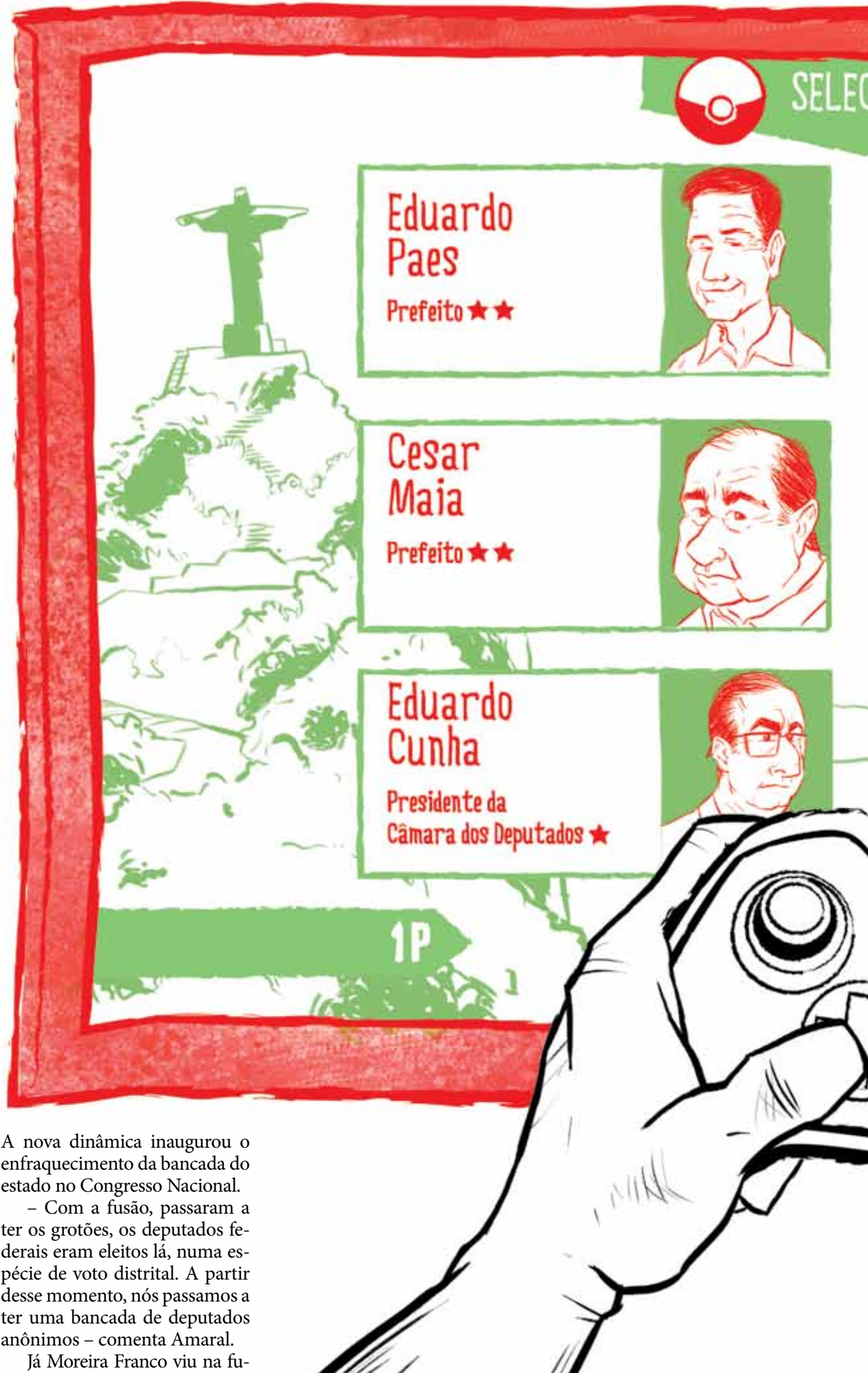
Durante a ditadura, o Rio de Janeiro foi palco de forte oposição ao regime imposto pelos militares. O PTB, partido do então presidente, João Goulart, manteve influência sobre a bancada do MDB local. O movimento estudantil representou outra ameaça aos militares. Segundo o ex-presidente do PSB Roberto Amaral, esse posicionamento era tradicional no Rio de Janeiro.

– Havia uma forte tendência do eleitorado carioca à oposição, mais à esquerda. A única vitória que a direita havia tido era a de Lacerda – lembra Amaral.

Por ser um importante polo de oposição e, portanto, uma ameaça ao regime imposto, o Rio de Janeiro teve uma presença política no governo muito restrita ao longo do período militar. Durante os governos dos presidentes Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel, não houve sequer um ministro fluminense. Foi também na gestão de Geisel que ocorreu a fusão entre o então Estado do Rio de Janeiro e o Estado da Guanabara.

– Na época, aquilo significou uma clara tentativa do governo Geisel para conter a forte oposição exercida pelo Rio de Janeiro – diz Amorim.

Segundo Amaral, a fusão inaugurou uma nova política, em que os votos do interior do velho Estado do Rio de Janeiro foram controlados pela máquina do governador Antônio Chagas Freitas, que apesar de ser do MDB, apoiava o regime militar.



A nova dinâmica inaugurou o enfraquecimento da bancada do estado no Congresso Nacional.

– Com a fusão, passaram a ter os grotões, os deputados federais eram eleitos lá, numa espécie de voto distrital. A partir desse momento, nós passamos a ter uma bancada de deputados anônimos – comenta Amaral.

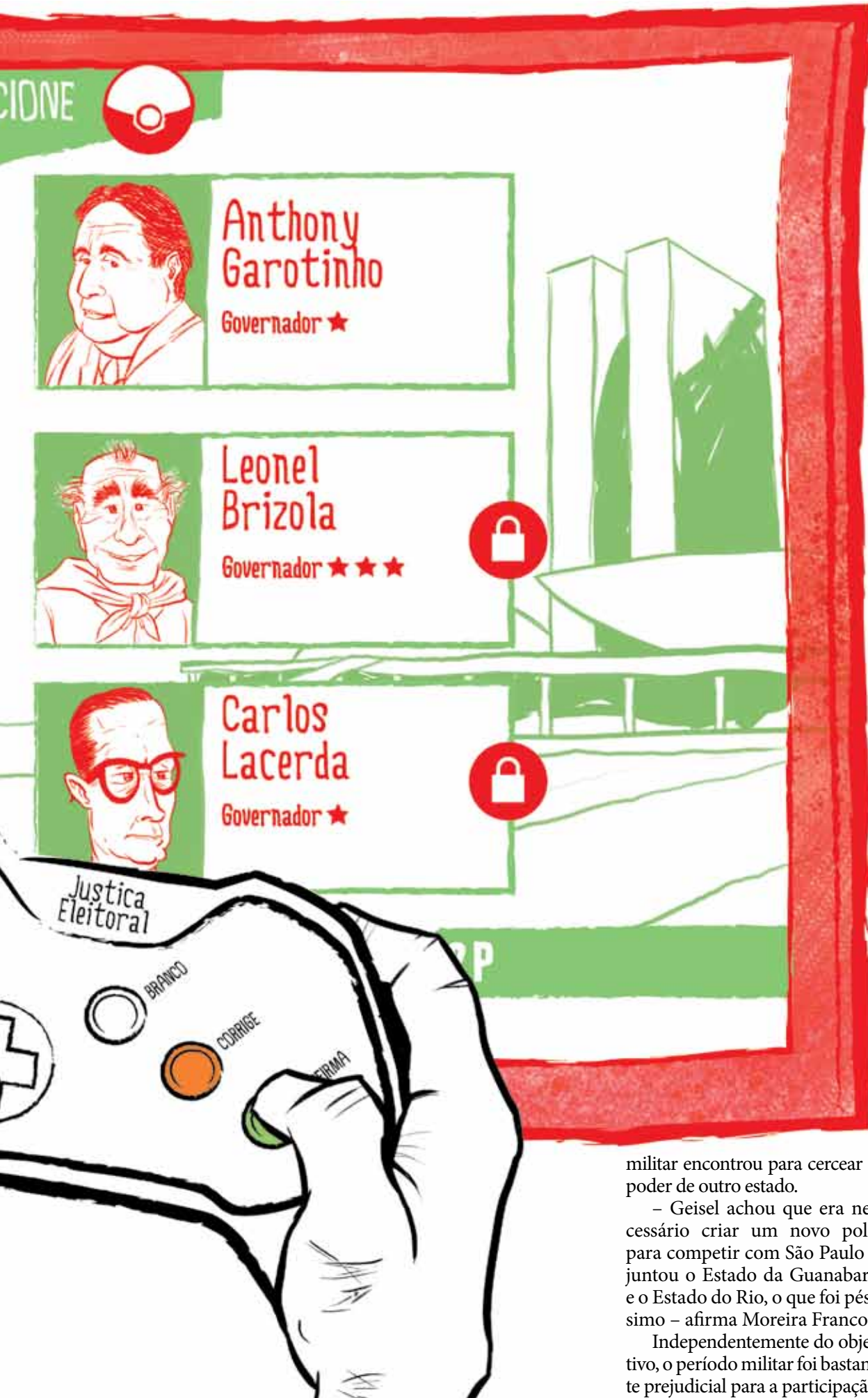
Já Moreira Franco viu na fusão uma forma que o governo

cada depois da última liderança com bases fluminenses tentar chegar ao Planalto

Brizolismo político

não lançar candidatos fortes no cenário nacional

DIOGO MADUELL



militar encontrou para cercar o poder de outro estado.

– Geisel achou que era necessário criar um novo polo para competir com São Paulo e juntou o Estado da Guanabara e o Estado do Rio, o que foi péssimo – afirma Moreira Franco.

Independentemente do objetivo, o período militar foi bastante prejudicial para a participação política fluminense a nível na-

cional. Mesmo com o fim da ditadura, o número de ministérios ocupados por políticos locais continuou a cair.

Na política estadual, o grupo de Brizola governou por quase duas décadas. O líder pedetista conseguiu se aproveitar da crise econômica mundial da década de 80, provocada pela crise do petróleo, para se eleger em 1982, vencendo o representante do chaguismo e então candidato da situação, Miro Teixeira. Apesar da liderança no estado, o PDT não tinha a mesma força nacional. A fraqueza da bancada pedetista no Congresso, a pequena participação de políticos fluminenses nos partidos de maior bancada na Câmara e no Senado – PMDB, PT e PSDB –, além da oposição ferrenha de Brizola ao governo federal ajudam a explicar a falta de protagonismo do Rio de Janeiro no jogo político nacional.

– O modo aguerrido de Brizola agir com o governo federal e com os outros partidos acabou isolando o Rio de Janeiro – aponta Amorim.

O Rio de Janeiro só veio a se alinhar ao governo federal em 2007, com a eleição de Sérgio Cabral para governador. Para retomar os investimentos e a participação política em nível nacional, os políticos fluminenses tiveram que aprender a se adaptar ao modelo nacional de aliança entre PT e PMDB, que vinha desde 2002. Os peemedebistas encontraram no vácuo deixado pela fragmentação do brizolismo – em menos de dez anos, Cesar Maia, Marcello Alencar e Anthony Garotinho deixaram o PDT – a possibilidade de liderar a política fluminense. Desde então, o PMDB está no poder, da prefeitura ao governo do estado.

– O apoio do Sérgio Cabral ao Lula, no segundo turno de 2007, criou uma situação muito favorável e solidária. Dos três maiores colégios eleitorais do Brasil – São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro –, dois eram do PSDB. Então, Lula precisava de uma base de sustentação em um estado importante. Nenhum presidente investiu tanto no estado quanto o Lula, o Rio de Janeiro se aproveitou do momento bom da economia, depois de anos na tentativa de reorganização econômica – observa Moreira Franco.

Hoje, o Rio de Janeiro tem o maior número de deputados federais dentro do PMDB. Mas a Operação Lava-Jato já mostrou que pode ser uma dor de cabeça para a bancada local, tanto em nível econômico – o Rio é altamente dependente do pe-

tróleo – quanto político – Eduardo Cunha é investigado. Ele foi denunciado pelo Ministério Público, com base na delação de Julio Camargo, por ter pedido US\$ 5 milhões dentro esquema de corrupção da Petrobras.

– Essa situação atual, com a investigação da Petrobras, vai criar problemas muito sérios para o governo do estado e o investimento dele, se não houver um jeito para a Petrobras rápido. O Rio de Janeiro é muito dependente do petróleo. A saúde econômica do estado é a Petrobras – lembra Moreira Franco.

O sopro final para o castelo de cartas que é a aliança entre PT e PMDB promete ser 2018, quando os peemedebistas vão tentar emplacar um presidente, com ou sem o PT. O partido liderado por Michel Temer deve começar a caminhada presidencial nas eleições do ano que vem, com um bom número de prefeitos eleitos em capitais e nas cidades com mais de 200 mil habitantes. Tudo para conseguir, pela primeira vez, sucesso nas urnas em uma corrida rumo ao Palácio do Planalto.

– O nome que eu identifico com os melhores predicados, mais pronto para disputar uma eleição presidencial seria do prefeito Eduardo Paes. Ele vai chegar em 2018 com uma belíssima vitrine, até por conta dos Jogos Olímpicos. É um nome que agrada a bancada – revela o deputado federal Leonardo Picciani.

A tentativa é vista por Amorim como prematura e até mesmo arriscada demais. Segundo o cientista político, uma derrota nas urnas pode significar a volta do Rio à oposição e, conseqüentemente, um retrocesso do protagonismo no jogo político.

– O futuro do Rio de Janeiro dependerá da capacidade das nossas principais lideranças de se entenderem bem com o governo federal – afirma Amorim.

Para o professor Antonio Carlos Alkmim, do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio e autor do e-book *De Brizola a Cabral. De Collor a Dilma*, o momento é incerto não só para a política fluminense como também para toda a política nacional.

– Os grandes eventos no Rio acabam no ano que vem com as Olimpíadas. Hoje, temos a crise política e econômica, e o PMDB está muito dividido, o que pode fazer com que o alinhamento se desfça. Tudo vai depender da capacidade dos atores políticos de entenderem que uma articulação vertical entre União, estado e município é fundamental para o protagonismo – analisa Alkmim.

CRÔNICA

Castanha do Pará e uma pitada de esperança

Do Rio de Janeiro, escala em Brasília, destino Marabá. Assim estava escrito no bilhete da minha passagem aérea de ida. Depois, era preciso seguir de ônibus para Abel Figueiredo – sudeste do Pará, 7.070 habitantes, 614 km², 580 quilômetros de distância de Belém. Ainda assim não me dizia nada. O que me vinha à cabeça era “o que será que encontrarei por lá?”

A missão era o Projeto Rondon – coordenado pelo Ministério da Defesa –, operação Itacaiúnas, realizada de 17 de julho a 2 de agosto, nos estados do Pará e do Tocantins. No total, 30 instituições de Ensino Superior se dividiram entre os 15 municípios escolhidos. Aqui da PUC-Rio, eu e mais sete estudantes de diferentes cursos e períodos, mais duas professoras, encaramos essa experiência.

Uma nota publicada no PUC Urgente, criação de um projeto, entrevista, ligação “você passou” e reuniões. Rápido e intenso, assim como foram os 18 dias que fiquei

em Abel – para os íntimos. Conheci outra realidade de mundo. Um Brasil que vai além do eixo Rio-São Paulo, Carnaval, praia, futebol, Pão de Açúcar. Nas minhas oficinas de reciclagem de garrafa PET, ouvia histórias de pessoas que lutam para sair da pobreza, para ter seus direitos garantidos e dar aos filhos uma condição de vida melhor. Eles querem ser ouvidos e reconhecidos. Querem andar pelas ruas sem o esgoto a céu aberto.

De população esperançosa, que enfrenta com esforço os obstáculos diários oriundos da injusta condição de vida, Abel Figueiredo tem alto índice de pobreza e exclusão social. Tão longe e, ao mesmo tempo, tão perto de nós. Longe, pois é oculta a dor que eles sentem, invisível diante dos nossos olhos. Perto, pois nesse desconhecido há problemas tão semelhantes quanto os existentes no resto do Brasil. E que, na verdade, só me fizeram confirmar o quanto somos iguais. Expandi minha



Crianças carentes participam de gincana na Escola Municipal Hélio Frota, em Abel Figueiredo, no Pará

visão de mundo e mudei minha ideia de sofrimento.

De Marabá, escala em Belém, Belo Horizonte, destino Rio de Janeiro. O bilhete aéreo de volta anuncia outra etapa da operação, afinal, o bem

deve ser feito em qualquer lugar. Sou extremamente grata à população de Abel. A troca de cultura, de experiência e de conhecimento me tornou uma cidadã mais consciente das questões sociais. Trouxe comi-

go castanha do Pará, farinha de tapioca e uma pitada de esperança para persistir em tentar construir um país melhor.

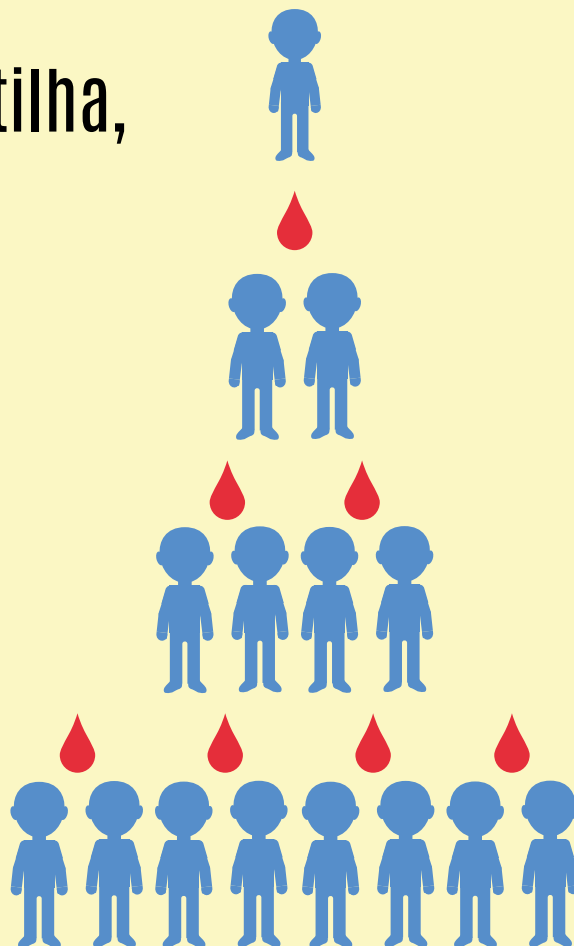
■ ANA PATRICIA PAIVA
REPÓRTER DO PROJETO COMUNICAR

Tudo o que se compartilha,
se multiplica.

DOE SANGUE.

De segunda a sexta
das 8h às 14h

No Instituto Nacional de Cardiologia (INC)
Rua das Laranjeiras, 374 - térreo - Laranjeiras.
Único banco de sangue na Zona Sul.



Nossa meta é receber 40 doações diárias,
no mínimo. Para atingi-la, contamos com
a sua doação!

Pré-requisitos básicos para doar: ter entre
18 e 67anos, levar documento oficial com
foto, não portar nenhuma doença crônica
ou infecção ativa, não ter ingerido bebida
alcoólica nas últimas 12h, pesar acima de
50kg e não estar em jejum.

Mais informações em:
inc.saude.gov.br | (21) 3037-2215

Hemonúcleo 

Sociedade: Organização não governamental atua em quatro comunidades da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro

Além das paredes de madeira

ONG Teto reúne moradores e voluntários em ações para superar pobreza

RAYANDERSON GUERRA

Vielas de terra batida, barcos de madeira improvisados e nenhum serviço de saneamento básico. O cenário parece com o de uma cidade esquecida no interior do país. No entanto, esse foi o ambiente que os voluntários da ONG Teto encontraram na favela Parque das Missões, em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. A situação se repete em comunidades de diversas regiões metropolitanas do Brasil e em mais 18 países da América Latina e do Caribe, áreas em que o grupo atua. A Organização, sem vínculos partidários ou religiosos, tem como objetivo a superação da pobreza, pelo desenvolvimento comunitário, por meio de ações conjuntas entre moradores e voluntários.

Criado por um grupo de estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Chile, o Teto está no Brasil desde 2006 e, hoje, atua em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná. São 25 mil voluntários e mais de 1.900 moradias construídas. No Estado do Rio de Janeiro, a organização não governamental realiza atividades em três favelas de Duque de Caxias: Jardim Gramacho, Vila Beira-Mar e Parque das Missões. Um trabalho está começando em Mesquita, na comunidade Sebinho. Entre as atividades desenvolvidas está a construção de moradias de emergência, no entanto, essa é apenas uma das fases de trabalho.

As casas de 18 metros quadrados são de madeira, pré-fabricadas, construídas por moradores e voluntários durante um fim de semana. Estudante de Psicologia da PUC-Rio, Marina Baumgratz, de 21 anos, é voluntária há dois anos. De acordo com ela, para que tudo ocorra de forma organizada e unificada, as famílias são envolvidas no processo.

– A comunidade assume tarefas e deveres. Por exemplo, quando ocorre a construção, ficam encarregados de fazer a comida para os voluntários. Quando chegam os materiais, eles guardam e cuidam para



Moradores e voluntários constroem, em um fim de semana, as moradias de emergência feitas de madeira



As obras fazem parte do processo de desenvolvimento comunitário

que tudo esteja íntegro na hora de construir. O processo é desenvolvido por todos, das reuniões à construção.

Gabriela Dória é estudante de Comunicação da Universidade e atualmente participa de atividades pontuais do Teto. O contato com realidades diferentes e a possibilidade de ajudar pessoas a terem uma vida mais digna e humana foram o que motivaram a estudante.

– Desde o primeiro contato até a construção surge uma relação muito bacana, de companheirismo, de respeito e gratidão. As casas são só o primeiro passo para dar àquelas pessoas uma vida mais humana e digna. A partir daí, o

Teto desenvolve um trabalho junto com a comunidade que busca solucionar problemas que ela enfrenta. É impossível voltar de uma atividade como essa com o mesmo pensamento que você tinha. A sua visão de mundo se expande e a sua compaixão também.

O diretor-operativo da ONG Teto no Rio de Janeiro, Javier Abi-Saab, participou de construções de casas em São Paulo e foi um dos primeiros a se envolver no projeto quando a organização inaugurou o escritório no Rio. Segundo ele, já foram construídas 126 moradias de emergência no Estado. Mas até chegar a esse ponto, há todo um processo que começa

“
As casas são só o primeiro passo para uma vida mais digna e humana
”

Gabriela Dória

já na escolha das comunidades.

– A construção é o carro-chefe para a entrada nas comunidades. É quando eles começam a visualizar o trabalho do Teto na prática. Começamos conhecendo as comunidades por meio de eventos chamados Escutando as Comunidades, que é o momento em que conhecemos a realidade de inúmeras famílias que moram no local por enquetes socioeconômicas. Por meio dessa pesquisa, colhemos dados referentes à estrutura familiar, condições de moradia, infraestrutura comunitária e como eles se veem dentro da comunidade.

O dia 11 de abril de 2015 foi marcante para Cíntia Fernan-

des, moradora do Parque das Missões há 22 anos. Naquele dia, ela recebeu a casa que ajudou a construir na comunidade. O piso do antigo barraco de madeira, que Cíntia morava com os três filhos, tinha partes em cimento e partes em terra e areia. Quando chovia, as goteiras disputavam espaço com quem estava dentro. Segundo ela, a comunidade ainda tem problemas, como falta de água, esgoto e energia elétrica, no entanto, a relação com o Teto melhorou a vida dela e está mudando a situação de outros moradores.

– Mudou tudo. A minha vida mudou de coração. Algumas pessoas falam que a casa do Teto é pequena, mas eu soube dar valor, porque tudo que vem de coração, vem de Deus. Na minha casa, fiz dois quartos e a sala, e, quando me visitam, os voluntários dizem ‘caramba sua casa parece estar maior do que a de todo mundo’.

A rotina em Parque das Missões parece com a de uma vila. A conversa na porta dos barracos e o som alto, de MPB a funk, fazem parte do cotidiano da comunidade. A energia chega precariamente às residências. O esgoto corre a céu aberto e o lixo é despejado no Rio Meriti, paralelo à favela. O abandono do Estado é esquecido por alguns instantes. No fim de tarde do domingo, o Bar do Careca está cheio. A conversa e o bom humor dos moradores encerram mais um dia no lugar, que fica a 40 minutos do Centro do Rio de Janeiro, segunda cidade mais rica do país, segundo dados de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No Brasil, cerca de 10 milhões de pessoas vivem em situação de extrema pobreza, segundo dados de 2013, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). De acordo com o Ipea, conforme os parâmetros do Programa Brasil Sem Miséria, quem tem renda per capita de até R\$ 77 por mês está na linha de extrema pobreza. O percentual da população em situação de miséria subiu de 3,6%, em 2012, para 4%, em 2013.

FOTOS DIVULGAÇÃO

LETÍCIA GASPARINI

Saúde: Disciplina e regularidade para dormir auxiliam no combate à falta de sono noturno

Insônia: mal do jovem moderno

Uso abusivo de aparelhos eletrônicos está entre as causas

DIOGO MADUELL

Um estudo organizado pelo Instituto de Pesquisa e Orientação da Mente (Ipom) revelou que 88% dos jovens brasileiros dormem mal e apresentam distúrbios ligados ao sono, e 43% sofrem de insônia. A pesquisa mostra também que 82% dos jovens dormem com o celular ligado ao lado da cama.

De acordo com a psicóloga Aparecida Balbino, a utilização abusiva dos dispositivos eletrônicos interfere diretamente no comportamento e no sono. Como os meios de comunicação estão totalmente incorporados ao dia a dia da geração do século XXI, a psicóloga aconselha tentar manter um equilíbrio no uso dos tablets, smartphones ou computadores.

– Os pais e terapeutas devem conversar previamente com os jovens, pois eles estão muito expostos à mídia. Esse limite tem que ser trabalhado, caso contrário, o exagero interfere no sono, na escola, no trabalho.

Aluna do curso de Jornalismo, Nicole Crivoi estuda pela manhã, trabalha à tarde e à noite se dedica aos exercícios da faculdade. Ela confessa que, por vezes, se distrai com o celular e adia a hora de dormir.

– Se eu deito e fico no celular para olhar algo, acabo me distraindo com várias coisas. Já fui dormir várias vezes mais tarde por causa disso, mas hoje tento me controlar mais. Então, eu vejo o que preciso ver e coloco o celular de lado. Quando estou com sono, não consigo me concentrar direito. Além disso, faço as coisas de forma mais lenta.

No caso de alguns jovens, como a estudante de Comunicação Social Jordana Coelho, a dependência de aparelhos tecnológicos é ainda mais intensa. Ela conta que passa, em média, de 15 a 18 horas por dia no smartphone, e que inclusive já deixou de cumprir compromissos para dar atenção a conversas feitas por redes sociais.

– Assim que perco um telefone, não consigo nem esperar 24 horas para comprar outro. Não porque eu tenha a necessidade que alguém fale comigo, ou porque a minha profissão dependa disso, mas simplesmente porque eu não consigo ficar sem saber o que está acontecendo no mundo das redes sociais.

De acordo com a psicóloga Aparecida Balbino, o tratamento psicológico auxilia na hora do descanso dos jovens



“
Uma das queixas é que a pessoa está cansada, mas não consegue dormir
 ”

Andrea Bacelar

na medida em que eles se conhecem melhor e, dessa forma, tomam conhecimento das limitações do organismo.

– Quando o sono dos jovens não é completo pode vir a causar, no futuro, estresse e agressividade. E os jovens acabam por não perceber isso. É im-

portante que eles se conheçam para procurar o equilíbrio. Para se ter noção, no meu consultório, um terço dos meus pacientes é composto de jovens.

Especialista em sono, a neurologista Andrea Bacelar observa que outro problema que atrapalha o sono e também interfere na vida dos jovens é dormir fora do horário habitual. A neurologista afirma que esse costume faz com que se tenha mais sono durante o dia.

– As pessoas dormem fora do ritmo biológico. Temos um ritmo que é uma preferência genética, porque o nosso cérebro vai se programar para dormir, para ter vontade de dormir. E muitas vezes as pessoas vão contra o próprio ritmo. O que acontece é que, ou por estar devendo sono, ou por estar com o sono fora do horário habitual, as pessoas vão tentar deitar ou dormir em horários inapropriados. Com isso, o

sono não vem adequadamente. Tem que ter disciplina e regularidade no horário de dormir.

O cansaço, que muitas vezes advém da falta de organização para estabelecer uma rotina na hora de deitar, é também um dos sintomas da insônia, um distúrbio para iniciar e manter o sono. Andrea Bacelar explica que muitas pessoas têm essa dificuldade e, mesmo cansadas, não conseguem dormir. Por outro lado, a neurologista alerta que dormir muito não é sinônimo de descanso.

– Uma das queixas da insônia é que a pessoa está cansada, deita no horário habitado, mas não consegue desligar, dormir. A cabeça fica em um estado de hipervigilância, de ficar hiperalerta. Muitas pessoas que têm essa dificuldade para iniciar o sono não necessariamente compensam esse sono ao longo da manhã. O que acontece muitas vezes é que a pessoa desperta no

horário da manhã ou precocemente e continua cansada, com fadiga do corpo e da mente durante o dia, mas não tem sono.

A alimentação inadequada, ainda segundo Andrea, também é um fator que prejudica a qualidade do sono dos jovens. A médica esclarece que comer em momentos inapropriados e ingerir calorias em horários incorretos alteram negativamente o sono.

– A fome é um alerta de sobrevivência. Dormir e se alimentar de maneira inadequada faz com que uma coisa interfira na outra. Um indivíduo que cronicamente dorme pouco e dorme mal ganha peso, independente de comer muito. O fato de também passar um intervalo de tempo maior sem se alimentar faz com que aumente a fome, e faz com que as pessoas se alimentem mais do que necessitem, por isso, os nutricionistas estimulam a alimentação a cada três horas.

Comunicação: As telenovelas interagem com a sociedade e, ao mesmo tempo, refletem o comportamento da população

Relações entre mídia e público

Novo tipo de telespectador tem papel ativo diante das ficções televisivas

MATHEUS SALGADO



Professora Tatiana Siciliano, do Departamento de Comunicação Social, analisa o impacto das novelas na sociedade

GIULIA SALETTO E TÂMARA CARVALHO

Natural da cultura brasileira, as novelas estão entre as principais fontes de entretenimento e lazer da maior parte da população. Com o grande alcance, elas se tornaram objeto de estudo em relação à influência que elas causam no comportamento social. Recentemente, a novela *Babilônia*, que termina este mês,

sofreu com a baixa da audiência causada pela desaprovação da trama pelos telespectadores. O fato repercutiu na mídia e levou a emissora a optar por uma mudança drástica na história e no perfil de determinados personagens para aumentar os índices de audiência.

Para a professora Tatiana Siciliano, do Departamento de Comunicação Social,

é importante que as novelas exerçam um papel social. Elas tratam de assuntos que podem ser polêmicos, como as relações homoafetivas e a falta de acessibilidade aos cadeirantes, e por isso têm a capacidade de oxigenar a discussão e levar os assuntos a uma maior visibilidade. Ela, porém, considera que a queda de audiência na novela *Babilônia*, por exemplo,

pode ter sido causada exatamente pelo excesso de temas negativos que foram incluídos na trama.

– A novela apresentou informação demais para a cabeça do telespectador, muito de tudo. Não é uma novela leve para esvaziar a cabeça depois de um dia de trabalho. O núcleo corrupto reflete a realidade do país, e por isso não é engraçado. A vilã é uma sociopata, não tem afeto. A outra é uma vilã apagada, que também não se importa nem com a própria filha. No fim do dia, as pessoas querem assistir a algo mais leve.

Para escapar da rejeição, os autores da novela resolveram investir em temas positivos e menos pesados para resgatar a audiência. O destino da personagem de Sophie Charlotte, que se tornaria garota de programa, foi modificado – ela se tornou a mocinha da trama. Além disso, as tramas dos personagens homossexuais foram esvaziadas. Para Tatiana, o público está cada vez mais exigente com o que eles querem assistir na televisão.

– As pessoas querem chegar em casa depois do trabalho e assistir a algo leve, por

“
É importante
que as
novelas
exerçam um
papel social
”

Tatiana Siciliano

isso a novela das 18h alcança mais audiência. Ela tem componentes clássicos, como um cenário bonito, e aborda temas mais agradáveis, como amor e família. Essa leveza e simplicidade faz com que essa novela registre uma audiência maior apesar do horário.

A pesquisadora afirma que as novelas são formas de representação da sociedade e tratam

de questões contemporâneas que as pessoas gostam de acompanhar, como amor, inveja, relações de família. Tatiana observa que, hoje, as novelas interagem com a sociedade, e em determinados momentos elas refletem e, em outros, influenciam.

Para a professora, é bom que a novela trate de discursos que incomodam. As questões envolvidas podem mostrar que a sociedade não está tão desenvolvida como parece, e ainda é alvo de muitos preconceitos. Tatiana afirma que a novela tem o dever de informar e tratar de assuntos que possam causar desconforto, e a ausência desses temas pode ser preocupante.

– O uso de questões sociais polêmicas faz com que a novela incomode uma parte do público mais conservador. Várias questões nos fazem pensar se a nossa sociedade tem mudado mesmo ou não. É importante perceber por que esses assuntos geram um incômodo tão grande e entender o porquê das reações de cada um, de ódio ou de aprovação.

Já o professor do Departamento de Comunicação Social Everardo Rocha reitera que não há uma resposta fechada para a questão da influência da mídia. Ele observa que quando a mídia reflete a sociedade, ela capta o que as pessoas pensam e fazem, e transformam esse imaginário social em um produto que será reproduzido nas novelas, nos programas e nas peças publicitárias. E quando influencia ações, ela se utiliza desse imaginário social, monta um personagem que, na verdade, é um arranjo de vários conceitos e pessoas e, então, é feito um novo imaginário que gera a identificação de alguns telespectadores e a rejeição por parte de outros.

– A mídia tem uma relação de espelho com a sociedade. De um lado, ela reflete o que as pessoas vivem e, do outro, ela aciona, influencia ações. As duas coisas acontecem ao mesmo tempo. Por isso, esse questionamento torna-se uma falsa questão, não há uma resposta só – conclui Everardo.

Comportamento: Modernos e despojados, os cabelos coloridos se tornam tendência entre os que transitam pelos pilotis

Cabeça livre das convenções

PEDRO MYGUEL VIEIRA

Fios pintados chamam a atenção na Universidade

PEDRO MYGUEL VIEIRA

É impossível passar pelos pilotis do Edifício Kennedy sem nunca ter visto, pelo menos de longe, as cores que Juliana Araújo carrega na cabeça. A aluna de design da PUC-Rio atualiza periodicamente as tranças com novas cores e penteados. A técnica que leva o nome de Box Braids consiste em extensões sintéticas – ou não – que podem ser de diversas cores e deixar o cabelo com um estilo todo especial. A técnica cria um tom étnico e diferenciado e já foi usada por famosas mundo afora. Estilo que não acaba mais. E Juliana não é a única. O campus cada dia mais revela passantes com cores que fogem dos tradicionais loiro, castanho e ruivo na cabeça. Já é moda. Azul, verde, rosa, laranja e por aí vai. Cores fortes e marcantes que por hipnotizar quando passam, inspiraram essa galeria de fotos. Clicamos algumas dessas cabeças coloridas que andam todos os dias pela PUC para mostrar a beleza que esses novos tons trazem ao Campus.



1

MATHEUS SALGADO

WEILER FILHO



2



3

1. A estudante de Design Ligia Martins chama atenção nos pilotis com cabelo bicolor

2. Bernardo Santana, estudante de Comunicação Social, exibe visual ruivo

3. As tranças de Juliana Araújo, famosas na PUC, marcam um estilo único